

A “GANGORRA” CONCEITUAL DA IDEOLOGIA: ENTRE BAKHTIN E O CÍRCULO E PAULO FREIRE E COLABORADORES

Marina Gonçalves¹
Cristiane Malinoski Pianaro Angelo²

RESUMO: A intensa polarização política da sociedade brasileira fomenta debates acerca do conceito da ideologia. Isso se faz produtivo devido à negação da ideologia, em momentos marcantes da história brasileira recente, com a alegação da neutralidade como defesa. Com base nisso, o trabalho se propõe a uma comparação ao que se compreende por ideologia em dois campos: nos estudos de Bakhtin e o Círculo e nos estudos de Freire, em diálogo com outros colaboradores, através de seus livros cartas e livros diálogo. Dessa forma, objetivou-se compreender se as concepções de ideologia em ambos os estudos são complementares ou contraditórias. A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico e analítico. Ao se propor a comparação dos pensadores por meio da metáfora da “gangorra”, observou-se que, apesar dos diferentes enfoques, há equilíbrio nas noções acerca do conceito de ideologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia. Círculo de Bakhtin. Freire.

the conceptual “seesaw” of ideology: between bakhtin and the circle and paulo freire and collaborators

ABSTRACT: The intense political polarization of Brazilian society fosters debates about the concept of ideology. This is productive due to the denial of ideology, in remarkable moments of recent Brazilian history, with the claim of neutrality as a defense. Based on this, the work proposes a comparison of what is understood by ideology in two fields: in the studies of the Bakhtin Circle and in Freire’s studies, in dialogue with other collaborators, through his books letters and books dialog. Thus, the objective was to understand whether the conceptions of ideology in both studies are complementary or contradictory. The methodology used was bibliographical and analytical. By proposing the comparison of thinkers through the metaphor of the “seesaw”, it was observed that, despite the different approaches, there is balance in the notions about the concept of ideology.

KEYWORDS: Ideology. Bakhtin Circle. Freire

- 1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. marinagoncalves333@gmail.com
- 2 Doutora em Letras. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. cristiane.mpa@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho debruçamo-nos sobre o conceito de ideologia, a partir de duas frentes teóricas: dos estudos de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN, 2017; MEDVIÉDEV, 2018; VOLÓCHINOV, 2018) e dos pressupostos de Paulo Freire e colaboradores (FREIRE, GUIMARÃES, 2011; FREIRE, 2022; FREIRE, SHOR, 2021). Ao colocarmos as duas visões na “gangorra”, buscamos verificar se há equilíbrio na compreensão de como o conceito é delineado nas obras desses autores, os quais, a nosso ver, oportunizam-nos pensar e entender a realidade em permanente transformação.

O resgate desses estudos se justifica quando levamos em conta o cenário social, político, cultural brasileiro, a considerar a tensão de uma polarização ideológica. Nessa perspectiva, percebemos que nos últimos anos os brasileiros assumiram determinadas posições que os dividem em defensores da direita e da esquerda. Uma exemplificação disso pode ser vista no levante de alguns grupos que, diante da vitória do candidato da esquerda nas eleições presidenciais, em 2022, lideraram movimentos antidemocráticos contra o resultado, o que acarretou a invasão e a depredação da sede dos três poderes, em Brasília, no início de 2023.

Em meio a debates acirrados e uma sociedade polarizada, o termo ideologia circula no meio político, nas redes sociais, nas igrejas, nas escolas, muitas vezes tomado como instrumento de dominação e alienação da consciência, outras vezes como conjunto de valores, opiniões, atitudes, compartilhadas por coletividades sociais. Assim, surge o interesse em estudar, em caráter bibliográfico, como o conceito de ideologia emerge nas obras de Bakhtin e o Círculo e de Paulo Freire e colaboradores – estudiosos que, mesmo em espaços e tempos distintos, utilizaram da palavra como forma de luta e posicionamento político-social.

Reconhecemos que a discussão acerca da aproximação e/ou distanciamento entre as perspectivas teóricas do Círculo e de Freire e colaboradores já foi abordada em outras pesquisas, como no artigo “Diálogos entre Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: A Palavrapon-te e a Palavramundo, face social de uso do signo” (2019), de Emerson Tadeu Cotrim Assunção e Ester Maria de Figueiredo Souza, e na tese “Bakhtin e Paulo Freire: a relação do eu e do outro e as relações dialógicas para a prática da liberdade” (2012), de Danitza Dianderas da Silva. A diferença neste trabalho está no foco, voltado ao conceito de ideologia.

A partir desses movimentos discursivos, visamos a compreender o conceito e delinear o equilíbrio entre as concepções, apreendendo se elas são contraditórias ou complementares.

A IDEOLOGIA PARA BAKHTIN E O CÍRCULO

A expressão Bakhtin e o Círculo abarca as formulações e as obras que constituem o produto de reflexão sobre linguagem, filosofia, literatura e outros temas, de um grupo composto por diversos intelectuais, dentre eles o próprio Bakhtin (2017), Volóchinov (2018) e Medviédev (2018), tomados como referenciais principais neste trabalho.

Esses expoentes, ao adentrarem o campo da ideologia, revisitaram e reforçaram algumas ideias pré-concebidas por outros marxistas, com vistas ao aprofundamento do conceito (não o esgotamento/fechamento). Assim, trouxeram a necessidade de rever as rachaduras das próprias bases da ciência marxista de criação ideológica, as quais estão unidas aos problemas da filosofia da linguagem (VOLÓCHINOV, 2018).

Para compreender a noção defendida por esses estudiosos é preciso considerar a base social, legitimada por eles. Além disso, há a necessidade de entender o signo, reali-

dade material da ideologia, que pode refletir, refratar ou distorcer a realidade (VOLÓCHINOV, 2018). Nas palavras de Volóchinov,

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é signo. Onde não há signo também não há ideologia. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91, grifos do autor).

Nesse ponto, constata-se a noção de ideologia inerente aos signos encontrados no cotidiano. Um exemplo disso pode ser constatado na apropriação das cores no contexto da polarização política brasileira, entre direita e esquerda, reforçada nas eleições de 2018 e 2022. Nessa perspectiva a esquerda é caracterizada pelo vermelho, identificando apoio ao candidato progressista, enquanto a direita é representada pelas cores verde, amarelo e azul, presentes na bandeira brasileira, identificando apoio ao candidato conservador. De modo a reforçar essa polarização, defesas como “nossa bandeira jamais será vermelha”, corroboram o quanto a cor tornou-se um signo ideológico relacionado ao perigo oferecido pela esquerda aos patriotas da oposição. Entretanto, em outro momento histórico, com a copa do mundo do Qatar (2022), após o segundo turno das eleições de 2022, a esquerda, vencedora das eleições, passa a exibir a camisa e acessórios em verde e amarelo, como a própria bandeira do Brasil, na tentativa de enfraquecer a partida ideológica da direita. Dessa forma, tem-se a noção já apresentada de que o signo pode refletir, refratar ou distorcer a realidade (VOLÓCHINOV, 2018).

Volóchinov (2018) apresenta outro exemplo possível, fazendo menção aos objetos de consumo do cotidiano, como o pão e o vinho, os quais em um contexto religioso, tornam-se símbolos da comunhão cristã (VOLÓCHINOV, 2018). Entende-se, então, que “o signo não é somente parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. [...] Tudo o que é ideológico possui significação sgnica” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93, grifo do autor). Ademais, o signo não é apenas um reflexo, mas uma parte material desta mesma realidade, é um fenômeno do mundo externo (VOLÓCHINOV, 2018).

É por meio dessas noções que se firma a natureza social da ideologia, pois “a consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico. A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 97, grifos do autor). Assim, a ideologia é tomada como um acontecimento vivo e dialógico, distante do psicologismo:

A ciência das ideologias de modo algum depende da psicologia e tampouco se baseia nela. [...] A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são leis da comunicação sgnica, determinadas diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquitetura da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 98, grifos do autor).

Em síntese, o espaço da consciência individual só existe para abrigar o social, dessa forma há um distanciamento de visões que vinculam o ideológico à psicologia.

A partir dessas ideias, faz necessário discutir a produtividade da palavra no processo de compreensão da ideologia. É a palavra, enquanto signo ideológico, que está presente em todos os atos de compreensão e interpretação. Isso porque “a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável. A palavra acompanha e comenta todo o ato ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 100, grifo do autor). Nesse caso, é coerente retomar as palavras de outro membro do Círculo, as quais complementam a noção apresentada:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2018, p. 48-49, grifos nossos).

Desse modo, o campo da ideologia estrutura-se e solidifica-se por meio dos signos, constituídos na interação social. Com base nisso, torna-se substancial atentar-se às exigências metodológicas fundamentais apresentadas por Volóchinov (2018):

- 1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na ‘consciência’ ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110, grifos do autor).

Os princípios apresentados trazem um alicerce para continuar a traçar as veredas do entendimento da ideologia por parte dos teóricos russos. Na primeira e na segunda premissa apresentada, reafirma-se que signo, ideologia e comunicação social são inseparáveis. Por conta disso, entende-se que a ideologia não está na consciência do sujeito, mas sim nos signos, constituídos no social, que formam a consciência. Todo signo ideológico, verbal, é estabelecido pelo horizonte social de um grupo ou de uma época (VOLÓCHINOV, 2018). Isso posto, parte-se para outro aspecto: “o conteúdo do signo e a ênfase valorativa que acompanha todo conteúdo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110, grifo do autor).

Para Volóchinov (2018), na vivência social grupal, existem conjuntos claros e demarcados de objetos, os quais adquirem ênfase valorativa. Para que isso ocorra, esse objeto deve estar “relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110-111). É aqui que a compreensão acerca do arbítrio individual não faz sentido, pois o signo é criado pelos indivíduos no âmbito social e, dessa forma, contém significação interindividual (VOLÓCHINOV, 2018). Em outros termos, “somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 111, grifo do autor).

A ênfase ideológica, por mais que se inicie a partir de uma voz individual, é uma ênfase social, que almeja o reconhecimento que é realizado de forma exterior, no material ideológico (VOLÓCHINOV, 2018). Isso se convencionou como objeto do signo, de tema do signo (VOLÓCHINOV, 2018). Dessa forma, o tema e a forma do signo ideológico “estão ligados entre si de modo indissolúvel

e, é claro, podem ser distinguidos apenas por meio de uma abstração” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112), pois, em tese, ambos são gerados no mesmo ventre, de forças e bases materiais iguais. (VOLÓCHINOV, 2018).

Então, a primeira e a segunda premissa metodológica fundamental para o estudo da ideologia são referentes às noções apresentadas, de que, por mais que exista a voz individual, a ênfase dada será social, por meio da comunicação interativa. Entende-se, assim, que não há como isolar a ideologia da realidade material do signo (VOLÓCHINOV, 2018).

A terceira premissa pode ser compreendida a partir da luta de classes:

A classe não coincide com a coletividade signica, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco da luta de classes. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 13, grifo do autor).

Há vivacidade nos signos, os quais podem assumir diferentes acentuações. O que torna o signo vivo e passível de metamorfoses é que ele reflete e refrata a existência (VOLÓCHINOV, 2018). Um xingamento pode se tornar um elogio, assim como uma verdade é capaz de se transformar em uma mentira, e essa contradição aparece em momentos de crise social e de mudanças revolucionárias (VOLÓCHINOV, 2018).

Esse exemplo é verificável na sociedade brasileira, com o crescimento das Fake News, as quais, para determinados grupos sociais são vistas como verdades incontesteáveis, enquanto que para outros são observados como desinformação. A compreensão disso se dá dentro de um estudo contextual das situações de interação discursiva, não de maneira isolada, pois, assim, muito se

perderia.

Com base nos apontamentos trazidos até o momento, passamos agora aos sistemas ideológicos formados. Esses sistemas podem ser exemplificados a partir da arte, da moral, do direito, nomeados como ideologia do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2018). A ideologia do cotidiano “é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado ‘consciente” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213). Os exemplos de sistemas ideológicos formados citados anteriormente são cristalizados a partir da ideologia do cotidiano, a qual pode exercer uma influência externa, e então, dar-lhe o tom (VOLÓCHINOV, 2018). Isso pode ocorrer com obras literárias, pois,

Em cada época de sua existência histórica, a obra deve interagir estreitamente com a ideologia do cotidiano em transformação, preencher-se por ela e nutrir-se de sua seiva nova. Apenas à medida que a obra é capaz de interligar-se ininterrupta e organicamente com a ideologia do cotidiano de uma época, ela é capaz de ser viva dentro dela (é claro, em um dado grupo social). Fora dessa ligação, ela deixa de existir, por não ser vivida como algo ideologicamente significativo. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 214).

Tais aspectos demonstram o movimento presente na ideologia do cotidiano e vêm ao encontro de muitas situações em que obras clássicas são lidas com dificuldades. Muitas vezes, os alunos da educação básica e da graduação possuem dificuldades em ler livros considerados clássicos, como os do autor Machado de Assis, e muito disso se dá devido à dificuldade de compreender o contexto da época de escrita e até mesmo a linguagem utilizada. Esse distanciamento da ideologia do cotidiano de uma época contribui para a existência da barreira leitora. Entretanto, o exemplo por si só não é suficiente, pois há camadas do cotidiano deter-

minadas pela escala social, as quais medem vivência e expressão, também as forças sociais que as regem (VOLÓCHINOV, 2018). Há uma camada inferior, e uma superior.

A camada inferior é a que muda com mais fluidez, e nela é possível identificar vivências menos desenvolvidas “bem como pensamentos e palavras ocasionais vazios. Todos eles são embriões de orientações sociais, inaptos à vida, romances sem personagem e discursos sem auditório. Eles são privados de qualquer lógica e unidade” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 215). Portanto, nessa camada é difícil obter uma sistematização, principalmente no que tange às premissas socioeconômicas de uma expressão isolada e ocasional (VOLÓCHINOV, 2018).

Já a camada superior da ideologia do cotidiano está em contato imediato com os sistemas ideológicos:

Elas são muito mais ativas e sensíveis do que a ideologia formada; são capazes de transmitir as mudanças da base socioeconômica com mais rapidez e clareza. É justamente aqui que se acumulam as energias criativas responsáveis pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos. Antes de conquistar o seu espaço na ideologia oficial organizada, as forças sociais emergentes primeiramente encontram expressão e acabamento ideológicos nas camadas superiores da ideologia do cotidiano. É claro no processo de luta, no processo de penetração gradual nas formações ideológicas (na imprensa, na literatura, na ciência), essas novas tendências da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, sofrem a influência dos sistemas ideológicos já formados, assimilando parcialmente formas acumuladas, as práticas e abordagens ideológicas. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 215).

Com base nisso, o processo de formação ideológica possui camadas, as quais nem sempre são fáceis de sistematizar, pois nesse decurso há espaço para a criatividade. Entretanto, após um tempo de vivências,

passa-se da inferior para a superior, até cristalizar-se como uma ideologia oficial. Para chegar a ser uma ideologia oficial:

palavras, entonações, gestos intraverbais, que passaram pela experiência da expressão exterior em uma escala social maior ou menor, que foram por assim dizer socialmente bastante amoldados e polidos pelas expressões e réplicas, pela reprovação ou apoio do auditório social. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 216).

Em todos os momentos, o palco valorativo é sempre social, nunca é individual. É nele que se constituem as ideologias oficiais.

Buscando a síntese dos pontos trazidos até o momento, cabe uma diferenciação da ideologia do cotidiano e da ideologia oficial. A ideologia do cotidiano é aquela que surge em ocasiões casuais, sem muito empenho formal. Já a ideologia oficial é aquela dominante, a qual esboça uma visão única de mundo (MIOTELLO, 2021). A primeira abriga uma certa instabilidade, já a segunda é relativamente estável.

Todo esse caminho teórico demonstra que a ideologia é a “expressão de uma tomada de posição determinada” (MIOTELLO, 2021, p. 169). Essa posição parte do meio social, o qual “[...] deu ao homem as palavras e as uniu a determinados significados e apreciações; o mesmo meio social não cessa de determinar e controlar as reações verbalizadas do homem ao longo de toda a sua vida” (BAKHTIN, 2017, p. 86).

A IDEOLOGIA EM FREIRE E COLABORADORES

A tessitura da temática da ideologia pode ser debatida também a partir de Paulo Freire, um dos mais renomados pensadores no mundo educacional, político e filosófico do século XX. Para Freire (2021), toda edu-

cação é ideológica, e a força dessa ideologia torna-se ainda mais acentuada quando fica dissimulada sob a máscara da neutralidade.

Ao analisar o conjunto da obra do pensador brasileiro, têm-se algumas peculiaridades, devido à escolha de meios para a sua escrita. Muitas vezes por cartas ou por livros diálogo (que serão apresentados neste trabalho), o que demonstra bastante fluidez conceitual. Enfocam-se, neste trabalho, os livros *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*³ – Paulo Freire em parceria com Sérgio Guimarães (2011); *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*⁴ – Paulo Freire (2022) e *Medo e ousadia: O cotidiano do professor*⁵ – Paulo Freire e Ira Shor (2021).

No primeiro e no segundo livro elencado, observa-se Freire em uma tentativa de desfazer algumas noções acerca de ideologias fortes/dominantes de nossa sociedade. O primeiro, partindo de um contexto africano e escrito em forma de diálogo, demonstra como esse contexto pode fazer com que o brasileiro se reconheça, com algumas características históricas que se assemelham ao Brasil. O segundo, por cartas, ressalta diversas frentes, mas sempre reflete sobre o ensino brasileiro.

Guimarães, em um de seus diálogos com Pepetela, no livro dividido com Freire diz: “Porque, na realidade, essa história de você limpar, “tirar” a ideologia, também já tem um componente ideológico” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 120). O diálogo mostra que o mesmo que ocorre no Brasil já ocorreu na África, ou seja, a limpeza ideológica, com vistas a apagar a história e turvá-la aos moldes da ideologia dominante (FREIRE; GUIMARÃES, 2011).

Nos últimos anos, a ideia de limpeza ideológica voltou a ser palco de debate por

meio de mecanismos como o “escola sem partido”, movimento fundado por Miguel Nagib (2022)⁶. Na página inicial do site que divulga o movimento é possível encontrar o seguinte: “Atuando desde 2004, o Movimento Escola sem Partido é reconhecido nacionalmente como a mais importante e consistente iniciativa contra o uso das escolas e universidades para fins de propaganda ideológica, política e partidária” (ESTATUTO ESCOLA SEM PARTIDO, 2022). Sendo assim, há no movimento a ideia de que existe uma neutralidade, e que o posicionamento ideológico deve ser combatido. Entretanto, ao propagar essa ideia, o movimento torna-se uma ideologia, não se constituindo, portanto, isento ou neutro.

Freire direciona as suas ideias justamente ao ensino, ao trabalho do professor, devido a sua atuação enquanto educador, e isso faz com que a questão ideológica seja voltada à libertação, nunca à defesa de uma premissa isenta.

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra. (FREIRE, 2022, p. 48).

Em muitos de seus escritos, a questão da ideologia aparece como algo a ser reconhecido e ensinado, principalmente na dualidade de opressor e oprimido. Além disso, até mesmo a menção de ausência de ideologia em algumas falas, camuflada de neutralidade, faz com que ela esteja ali, imbricada

⁶ Site citado: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em 01 Dez 2022.

³ Foi publicado pela primeira vez em 2003.

⁴ Cartas escritas entre 1992 e 1997.

⁵ Publicado pela primeira vez em 1986.

ao modo de pensar. Retomam-se também as classes sociais, as quais não sumiram, como uma ideologia prega:

[...] O que me parece impossível é silenciar diante desta expressão pós-moderna de autoritarismo. O que me parece impossível é aceitar docilmente que o mundo mudou radical e repentinamente, da noite para o dia, fazendo sumir as classes sociais, esquerda e direita, dominadores e dominados, acabando com as ideologias e tornando tudo mais ou menos igual. Já não me parece impossível, porém, respeitar o direito de quem pensa ou passou a pensar assim. Veementemente, contudo, recuso aceitar que eu 'já era' porque continuo reconhecendo a existência das classes sociais, porque nego a ideologia da despolitização da administração pública, embutida na chamada 'política de resultados', porque afirmo a força das ideologias". (FREIRE, 2022, p. 55-56).

A exclusão das classes sociais, ligada ao pensamento de que sim, pode-se pertencer a um determinado grupo apenas pela adoção de ideias, não pelo poder econômico, fez com que muitas pessoas negassem o próprio grupo. Assim, compraram o neoliberalismo, o saber técnico, aceitando-o para suas famílias, a partir de um grande repúdio no que tange à conscientização, à libertação (FREIRE, 2022). Dessa forma, acentua-se que a desideologização ou fatalismo dos grupos neoliberais, nada mais é, que uma ideologia (FREIRE, 2022):

É a ideologia que mata a ideologia, que decreta a morte da História, o desaparecimento da utopia, o aniquilamento do sonho. Ideologia fatalista que, despolitizando a educação, a reduz a puro treinamento do uso de destrezas técnicas ou saberes científicos. (FREIRE, 2022, p. 134).

Portanto, tais noções, isto é, a conscientização de que o apagamento ideológico é uma ideologia, são produtivas para iniciar uma conversa sobre o conceito. Diferente do que muitas frentes brasileiras vêm pregando, a da neutralidade, sabe-se que isso é uma ideologia (FREIRE, 2022). Entretanto, para que essa ideologia fatalista se mantenha a nuvem cinzenta deve permanecer.

Passando ao terceiro livro (2021), de modo a aprofundar o debate aqui empreendido, tem-se um diálogo de Freire com Ira Shor, professor dos Estados Unidos. É perceptível que essa conversa com outros contextos nos mostra que problemas brasileiros, principalmente voltados aos ambientes formais de ensino, muitas vezes não são exclusivos, pois ocorrem frequentemente em outros países. Nesse livro diálogo, há uma tentativa de espriar a nuvem cinzenta, desnudando as correntes ideológicas.

No diálogo, logo no prefácio, Freire comenta sobre a produção do conhecimento na sociedade brasileira, especificamente nos ambientes formais de ensino: "[...] outra questão é que quando separamos o produzir conhecimento do conhecer o conhecimento existente, as escolas se transformam facilmente em espaços para a venda de conhecimento, o que corresponde à ideologia capitalista" (FREIRE; SHOR, 2021, p. 24). Sem rodeios, define-se que a sociedade brasileira adota a ideologia do capitalismo nas escolas, e isso não é ausência ideológica.

Depois dessa definição, o diálogo passa a aprofundar o olhar sobre as salas de aula, quando a pedagogia parte da noção de libertação. Shor (2021) utiliza os termos ideologia oficial, também conhecimento não supervisionado, não oficial:

Julgo que esse tipo de sala de aula pode produzir conhecimento não supervisionado ou não oficial. Isto desafiaria a comercialização da ideologia oficial feita pela escola. Não ire-

mos soar como os livros didáticos, os programas escolares e os meios de comunicação de massa que assediam os estudantes. Eu procuro parecer natural, em vez de professoral, e crítico, em vez de cerimonial. O questionamento crítico pode produzir uma literatura a partir do nada, uma educação paralela, ou classe paralela, em contraposição às classes oficiais. Esse tipo de ensino pode produzir um conhecimento divergente e formas alternativas de utilizar o conhecimento. (FREIRE; SHOR, 2021, p. 27).

Na sequência do raciocínio, esclarece-se que “a estrutura do conhecimento oficial é também a estrutura da autoridade social” (FREIRE; SHOR, 2021, p. 27). Dessa forma, entende-se que a educação mediada por um professor que segue o currículo passivamente determinado é muito mais confortável, pois a premissa não é a produção do conhecimento (FREIRE; SHOR, 2021).

Shor (2021) traz a realidade estadunidense, pois, segundo ele, a ideia de questionamento não valorativo é bem comum:

Os estudantes são formados para ser operários ou profissionais liberais que deixam a política para os políticos profissionais. Esses currículos falsamente neutros formam os estudantes para observar as coisas sem julgá-las, ou para ver o mundo do ponto de vista do consenso oficial, para executar ordens sem questioná-las, como se a sociedade existente fosse fixa e perfeita. (FREIRE; SHOR, 2021, p. 31-32).

A conversa vai se encaminhando, e ambas as personagens do diálogo esclarecem que qualquer pedagogia é ideológica, desde a que se propõe neutra, até a que se declara libertadora. Há sempre uma dominante e outra que se coloca como reação a que impera. Freire então apresenta a sua visão sobre isso:

Penso, por exemplo, que a ideologia dominante “vive” dentro de nós e também controla a sociedade fora de nós. Se essa dominação interna e externa fosse completa, definitiva, nunca poderíamos pensar na transformação social. Mas a transformação é possível porque a consciência não é um espelho da realidade, simples reflexo, mas é reflexiva e refletora da realidade. Enquanto seres humanos conscientes, podemos descobrir como somos condicionados pela ideologia dominante. Podemos distanciar-nos da nossa época. Podemos aprender, portanto, como nos libertar através da luta política na sociedade. Podemos lutar para ser livres, precisamente porque sabemos que não somos livres! E por isso que podemos pensar na transformação. (FREIRE; SHOR, 2021, p. 33).

Dessa forma, Freire coloca a necessidade de se reconhecer que temos amarras, e isso envolve a libertação, a qual pode transformar a forma como concebemos e compreendermos o mundo. Aqui também é possível observar uma abertura, uma movimentação quanto ao não fechamento do conceito de ideologia.

A “GANGORRA” UTILIZADA: ESPAÇO DE COMPARAÇÃO

Com as noções das duas filiações inicialmente propostas, chega-se ao momento de chamá-las à gangorra, para perceber se esse movimento produz equilíbrio ou pendência. Para tanto, optou-se por um quadro comparativo de modo a tornar mais visíveis os pontos de aproximação e distanciamento encontrados na abordagem da ideologia.

Para Bakhtin e o Círculo a ideologia se faz presente em vários campos/esferas do conhecimento. Freire e seus colaboradores colocam em evidência o ensino. Com isso, pode-se ver que não há discordância entre as noções, pois uma parece partir da outra.

Comparando o segundo aspecto do

Quadro 1 – Comparações conceituais da ideologia para Bakhtin e o Círculo e Paulo Freire e seus colaboradores

BAKHTIN E O CÍRCULO	PAULO FREIRE E COLABORADORES
A ideologia faz-se presente na imprensa, na literatura, na ciência etc.	Freire concentra seus escritos na situação da ideologia em ambientes formais de ensino.
A ideologia se encontra nos signos, os quais são valorados de formas distintas.	Uma premissa similar pode ser observada em Freire, pois em seus escritos há sempre o destaque de ao menos duas ideologias, voltadas às classes sociais, dominante e dominada.
Há posicionamento social valorativo.	Há posicionamento social valorativo.
Existência de uma consciência individual, impregnada de signos, que se liga a outra consciência individual, ou seja, à interação.	Pedagogia da libertação, a educação forma uma consciência crítica.
Formação da consciência é inacabada.	Formação da consciência é inacabada
Ideologia do cotidiano e ideologia oficial.	Ideologia oficial. Dominados e dominadores.

Fonte: As autoras, 2023.

quadro, é possível compreender que o Círculo parte sempre de signos que são valorados, de distintas formas. Se são valorados de forma diferente, sem via de dúvidas há a existência de mais de uma ideologia, o que pode ser visto em Freire, que sempre denota ao menos duas classes, a dominante e a dominada. Isso demonstra que a valoração se encontra no cerne das discussões sobre ideologia em ambas as correntes teóricas escolhidas neste trabalho. Esse jogo de valores traz mais equilíbrio à “gangorra” proposta.

O quarto ponto analítico exposto retoma a interação, tão presente e demarcada pelo Círculo. A consciência individual não é suficiente para explicar as ideologias que se levantam acentuadamente na sociedade, a força disso se encontra na interação com outra consciência, e assim sucessivamente. Freire coloca a educação como mola propulsora para o desenvolvimento de uma consciência crítica, o que não assume um caráter individual, mas sim grupal. Dessa forma, há mais um ponto que se aproxima entre as noções de ideologia. Tal questão revela o quinto ponto trazido no quadro, de que as consciências, impregnadas de signos, não são tomadas de forma pronta e acabada para nenhum dos estudiosos, logo, encontram-se em pleno movimento.

Por fim, as nomenclaturas utilizadas por ambos também são similares, e em alguns momentos têm-se a impressão de que Paulo Freire se utiliza e amplia sem citar as noções de refletir e refratar a realidade (VOLÓCHINOV, 2018), trazidas por Bakhtin e o Círculo, principalmente quando diz que a consciência não somente reflete a realidade, mas também é reflexiva e refletora (FREIRE; SHOR, 2021). Nesse momento, é possível ver a movimentação do conceito, ou seja, há uma diferenciação nas observações apresentadas, porém, não há desequilíbrio, pois a fluidez é constante e equilibra a “gangorra”.

PARA NÃO FINALIZAR

Com base no trabalho aqui empreendido, é possível compreender que fechamentos não são possíveis, pois o conceito de ideologia continua a ser estudado, avaliado, ressignificado e transformado. Além disso, não foi possível constituir um trabalho panorâmico, ou seja, se outras obras das correntes teóricas fossem escolhidas talvez o resultado seria outro.

Para o entendimento disso, optou-se por discutir os conceitos a partir de cada perspectiva teórica e somente depois compará-los. Dentro dos limites da escrita, percebeu-se que a metáfora da “gangorra” para a ideologia trouxe o resultado de equilíbrio entre os círculos teóricos escolhidos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. O freudismo: um esboço crítico. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2021.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 2011.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2018.
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- VOLÓCHINNOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da lingua-

gem. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Submissão: novembro de 2023

Aceite: dezembro de 2023